



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 23 de janeiro de 2011

A CRITICA Reflexões e desabafo de um 'velho comunista'.....	1
TEMA DO DIA	
A CRITICA 'A cidade mais difícil de administrar é Manaus'	2
TEMA DO DIA	
A CRITICA 'A cidade mais difícil de administrar é Manaus' (continuação)	3
TEMA DO DIA	
A CRITICA Ajustes no polo.....	4
ECONOMIA	
A CRITICA Ajustes no polo (continuação)	5
ECONOMIA	
A CRITICA Como aumentar as exportações?	6
ECONOMIA	
A CRITICA Grupo LIDE fará de Manaus referência ambiental no planeta	7
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO APLAUSOS	8
AMAZONAS EM TEMPO Brincadeira tem hora.....	9
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Vita Derm investe em unidade de Manaquiri	10
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Setor primário em foco	11
ECONOMIA	

Reflexões e desabafo de um 'velho comunista'

IVÂNIA VIEIRA
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Na manhã de 7 de janeiro, o prefeito de Manaus, Amazonino Mendes (PTB), recebeu A CRÍTICA, em seu gabinete, uma sala clara, onde a fumaça de cigarro deixou um cheiro forte. Por duas horas e meia, com duas interrupções - uma para atender a um telefonema do deputado estadual Sinésio Campos (PT), que durou 12 minutos, e outra, de três minutos, para despachar um bilhete urgente a um de seus auxiliares - falou sobre temas variados, desde o seu estado de saúde, os políticos, a indigência política, a cidade que administra, o amor pela leitura, aliados e ex-aliados políticos, a imprensa, e apontou os desafios de administrar Manaus, uma "cidade sem hábitos urbanos"; enquanto falava comia pedaços de abacaxi.

Há 28 anos, Amazonino Mendes assumia pela primeira vez a Prefeitura Municipal de Manaus. Chegou ao cargo aos 44 anos, pelas mãos de Gilberto Mestrinho, eleito um ano antes para o segundo mandato como governador do Amazonas, o primeiro foi em 1958. Quando Amazonino tornou-se prefeito, o Brasil vivia a abertura política e as eleições diretas (para presidente da República, governador e prefeito) só seriam restabelecidas em 1985. Participou dos eventos do final da década de 50 e início dos anos 60 no movimento estudantil de esquerda, o que lhe rendeu paixões e uma prisão, em 1964. Hoje, aos 71 anos, no seu terceiro mandato, o prefeito da capital amazonense tenta, até agora sem êxito, desvencilhar-se do cigarro - uma "muleta psicológica", na definição dele - à qual recorre quando "sou bombardeado pelos problemas". Hipertenso, diabético e o pulmão esquerdo perfurado, Amazonino ensalou, por ordem médica, ter hábitos mais saudáveis, mas confessa não ter conseguido. As caminhadas não passaram de uma primeira tentativa. Nesse momento, o "velho comunista" tenta novas alianças, pois aquelas feitas no passado parecem completamente desmanteladas e o líder, em torno do qual dirigentes partidários, de organizações populares, parlamentares, empresários, religiosos viabilizavam seus projetos está encurralado. A seguir trechos da entrevista:

Prefeito, já que o senhor e o secretário Américo Gorayeb (despachava com ele e permaneceu na sala por dez minutos) estão fumando, como está a sua saúde?
Não é excepcional, não é ruim. Sou diabético e tenho pressão alta. A diabetes está mais ou menos controlada, a pressão alta estava controlada, descontrolou porque estou trocando a medicação (para proteger os rins). Estou numa fase de transição. Peguei pneumonia - doença que qualquer um pode contrair - deixei de fumar e comecei os exercícios. Sou uma pessoa que somatiza e o cigarro, embora eu não seja um dependente taba-

gista, é uma muleta psicológica. Sou bombardeado por problemas e, para equacionar as questões, pego automaticamente o cigarro. Todas as vezes em que deixei de fumar estive determinado a ter melhor qualidade de vida, não quero ficar um velho inservível, e todas as vezes que voltei foi por razões de problemas e não pela ânsia de fumar.

O senhor conseguiria uma outra "muleta psicológica" para apensar o cigarro, ou não pensa nisso?

Tem uma história que papagaio velho não aprende a falar. Acho difícil me adaptar a novas modalidades. É muito complicado.

Acha mesmo que papagaio velho não aprende a falar?

Aprende, aprende sim, porque enquanto temos vida estamos aprendendo. Agora, aprende menos. (ele pega mais um cigarro e adverte o fotógrafo "não tira foto eu fumando, heim, caboco").

O senhor tem tempo de ler? O que está lendo?

Ligo sempre. Leitura é "infiltração", paixão, é como um oxigênio. Não dá para fugir, na hora que der, não tem esse negócio não. O que me fascina são as leituras sobre a história da humanidade e isso é desde menino. Eu era garoto e traduzia textos latinos sobre a história greco-romana. Tenho paixão por isso. Estou lendo um livro espetacular (o livro é "Reflexões sobre um século esquecido-1901-2000", de Tony Judt.)

Então, como o senhor avalia o processo político do Brasil e do Amazonas?

Se eu for lhe falar de política, o que penso... você vai se decepcionar. Elegemos uma série de valores de forma equivocada. O Brasil é uma presa fácil dos modismos decorrentes do chamado "pensamento vanguardista". O processo político do País é insipiente. Não precisa ser sábio nem culto para saber que o Brasil não tem até hoje um planejamento. O último foi na época JK (do presidente Juscelino Kubitschek que governou o País de 1956 a 1961, e apresentou um plano à nação contendo 31 metas). A partir daí o Brasil passou a ser administrado por gravidade. Essa ação gravitacional político-administrativa aprofundou as desigualdades regionais. Cito aqui os gritos de Roberto Campos (economista e um dos coordenadores do Plano de Metas de JK) que era um estadista, pode-se até discordar dele, mas era um estadista. Ele falava que o Brasil era um país fechado, atrasado, paquidêmico e catadralístico.

O que ocorreu nesse período?

No governo Fernando Collor (1990/92), veio a abertura para o comércio exterior e a discussão do que viria a ser a "Lei de Informática". Foi uma coisa tão primária. Toda a intelectualidade, os articulistas, os cientistas, a imprensa, todos silenciaram sobre a lei que estava nascendo e nascia capenga. Votamos uma lei para abrir para a importação e para enriquecer falsos empresários habituados a produzir com linha de montagem. A lei concedia incentivos fiscais gordos para o Brasil entrar na "era da informática", o que até hoje não conseguiu, pois a lei beneficiava a simples montagem do

Frase

“

“Votamos uma lei para enriquecer falsos empresários habituados a produzir com linha de montagem.”

“A gente perde o nosso tempo com aparências de PT, PSDB... Temos um processo político insipiente porque não se discute o que precisamos fazer enquanto País.”

“Um direito elementar da sociedade é saber para onde vai o recurso. Nós nunca discutimos isso. Não se ouviu e não se ouve um pronunciamento do TCE, nem da ALE-AM. Nem na imprensa.”

“Nos impressionamos com obras, muitas vezes, desnecessárias, apenas triunfalistas.”



' A cidade mais difícil de administrar é Manaus'

Quanto à prefeitura que o senhor administra...?

Vamos tomar a Prefeitura de Manaus, há dois anos, a capacidade total de investimento dessa prefeitura era de R\$ 111 milhões. Manaus se situava abaixo das 100 maiores cidades brasileiras em receita, no entanto era a sétima maior cidade do País. É claro que a administração não poderia fazer, mas ninguém analisou a administração passada por esse prisma. Hoje, dois anos depois, a prefeitura se prepara para investimento de recursos próprios da ordem de R\$ 600 milhões - cresceu 600% e isso não decorreu do avanço da economia, pelo contrário, aconteceu em meio a uma das maiores crises mundiais de todos os tempos. Decorreu de um trabalho de organização interna, modernização e melhoria dos instrumentos do aparelho fiscal entre outros. A falta de análise desses pontos que entendo como básicos enseja uma discussão política falsa, inócua indutora a comportamentos políticos equivocados. A modalidade político-administrativa passa ao largo no exame das pessoas. É que muitas vezes, o administrador, para não ter oposição, usa os recursos públicos para anular potencialidades oposicionistas, com cargos em secretarias. Cria uma infinidade de cargos desnecessários, inclusive chega a bater cabeça. Ninguém observa, ninguém diz nada. Se você fizer uma análise do quando se deixou de investir para contemporizar e se ter tranquilidade política, o prejuízo do povo é muito grande.


A situação fica muito pior quando se vai além dessas licenciosidades e se busca artificialismos como OSCIPs, ONGs, e se faz contratações gigantescas que vão atender interesses de grupos e de iguais. Alvo não tem greve, não tem protesto, não tem movimento contra, mas quem paga e paga muito caro é o povo. E o político que assim age malversa os recursos e ainda é aplaudido.

Quanto aos poderes instituídos, aos órgãos de fiscalização e controle?

Eu diria que uma Assembleia Legislativa e uma Câmara Municipal bem como o próprio Tribunal de Contas deveriam fazer observações claras para, no mínimo, dar conhecimento dos procedimentos à população. Outro detalhe do processo político, que é básico, é buscar a origem da degradação de muitos serviços públicos, de vez que essas ações - saúde, educação, transporte, segurança - refletem hoje o comportamento de ontem. Se você prioriza a atividade meio em detrimento do objeto, você vai encontrar aleijões. O orçamento municipal de saúde pública de Manaus é de aproximadamente R\$ 500 milhões, hoje, mas 85% desses recursos são para pagar pessoal. Então, a saúde pública não é pública é dos servidores do setor. Isso foi costurado lá atrás. Esse erro aconteceu e acontece porque não temos capacidade política de discutir de forma correta a aplicação de recursos públicos. O desconforto causado em áreas como limpeza pública, iluminação pública e, daqui a pouco a água em função do nosso comportamento anárquico sobre o lixo, os "gatos", nos causa prejuízo que implica em um custo praticamente impossível de ser coberto. Há descontrole e, nós, politicamente, no legislativo, nas tribunas escritas da imprensa, passamos por cima. Essas coisas terminam sendo as barreiras intransponíveis para alcançar o que todos queremos ter, qualidade de vida.

O senhor é um veterano da política. Não é só a pessoa que hoje analisa a realidade, é parte dessa história. Como se vê nesse processo, onde foi que o senhor errou?

Devo ter errado e errado inúmeras vezes. Ninguém nasce sabendo. Mas, olho para trás e não enxergo nos meus comportamentos administrativos algo comprometedor nesses termos. Sempre coloquei o dedo na ferida, nunca escondi. Não tenho esse jeito de ser. Falo do problema, nunca fiz governo com ex-

Perfil	
	nome
NOME:	Amazonino Armando Mendes
IDADE:	71 anos
NASCIMENTO:	Município de Eirunepé (16/11/1939)
ESTUDOS:	Formado em Direito.
EXPERIÊNCIA:	foi prefeito de Manaus (1983 a 1985, 1993 a 1994 e eleito novamente em 2009); governador do Estado (1987 a 1990, 1995 a 1998 e de 1999 a 2002) e senador (de 1991 a 1992).

cesso de secretários para contemporizar; nunca fiz acordos políticos para evitar a oposição. Não me lembro de, em toda a minha vida administrativa, ter tentado silenciar os segmentos que se organizam na sociedade para pleitear, exigir alguma coisa. Sei que organizei o Estado, quem organizou o Estado fui eu, com a ajuda do Samuel Hanan - ele foi muito importante para a história administrativa do nosso Estado em termos de modernização. Todo o aparelho fiscal que temos hoje na Fazenda é da nossa época. Me lembro que criei, embora romanticamente, uma tese em busca da atividade autosustentável que foi o Terceiro Ciclo. Veja que há coerência na minha fala. Sempre tive oposição dura porque sempre agi dessa forma, nunca chamei para fazer acordos, distribuir secretarias. É o meu jeito de ser. Não mudei. Muitos aliados deixam de ser aliados e, aí, você vai lá no fundo para saber o porquê e descobre que ele queria uma vantagem, alguma benesse de recursos públicos que lhe foi negada. Me pintaram como passador de cheque sem fundo. Foi quando eu vim a ser prefeito, pela primeira vez (em 1983), quando o Gilberto Mestrinho me distinguiu. Disseram que eu tinha enganado um pedreiro na loteria; depois me arranjaram um castelo, uma hora era na Suíça, outra na Espanha, em Portugal e,

impressionante esse detalhe, gente amiga minha disse ter assistido, no programa do Jô Soares, uma entrevista do Aírton Senna dizendo que ia comprar um castelo, mas o Amazonino, governador do Amazonas, foi na frente e comprou. Passei dez anos para resolver a história da conta em Luxemburgo, até a perícia brasileira comprovar que tudo era falsificado. Foi assim que tentaram desestabilizar meu governo; fui acusado de populista porque isso que o Lula fez, eu fiz - o direito à vida; distribuição de motor de popa e nunca distribuí em momento de campanha política. Eram distribuições honestas. Ah, minha casa foi capa do Jornal do Brasil, objeto de ataques da imprensa durante muito tempo. Pedi à Receita Federal para me fiscalizar, para quebrar meu sigilo fiscal, foram seis procedimentos feitos (meu, da minha mulher, dos meus filhos). A Receita não achou nada. Meu maior detratador, na época, na minha opinião, um indigente político, que é o Mário Frota (é vereador pelo PDT), que não tem nenhuma contribuição para dar à população, não tem nem uma biografia positiva, ainda fala mal de mim, mente sobre ligações minha com ele. Disse que eu era milionário. Milionário?! Todo mundo sabe que eu perdi a eleição para o Eduardo Braga porque não tinha dinheiro. Enquanto eu ia para o interior em um monomotor, só de jato ele tinha três.

O senhor não se coloca como uma pessoa que ajudou a piorar essa prática política?

Eu, pessoalmente, com os meus atos administrativos, penso que não. Meus atos administrativos estão aí. Um Estado pobre criou uma UEA (Universidade do Estado do Amazonas), fez os aeroportos do interior, fez os hospitais que têm no interior, organizei o Estado. Não vejo assim.

O político Amazonino está amargurado?

Isso pode transparecer amargura. A realidade não tem gosto. É a realidade. Estou falando da minha vivência, da minha experi-

ência, do viés político. Não é saudosismo, não estou reclamando, estou fazendo uma análise das deficiências que eu chamei de insipiências tanto no País quanto no Estado. Estou convencido de que precisamos fazer alguma coisa para melhorar.

Então, o que fazer para melhorar? Por onde começar?

Uma das primeiras coisas é, pelo menos, dizer que o problema existe, coisa que ninguém faz. A gente tem que reformular nosso comportamento político, o direcionamento das nossas colocações políticas, da temática política. Se quisermos melhorar temos que entrar nessa discussão, não podemos ignorar esse quadro. É disso que estou falando, é isso que quero dizer, que é preciso levar em conta essa realidade, discuti-la, valorizar políticos que abordem esses temas com propriedade, com capacidade, qualidade e competência.

Quais políticos o senhor citaria, entre os nossos representantes, que abordam esses temas dentro de um critério de qualidade no debate?

Eu não quero ser deselegante nem cometer equívoco. Nós temos gente boa, não é tudo ruim não. Eu sei de gente que na Câmara Federal agiu com muita qualidade quando esteve lá, gente que agiu com qualidade no Senado, secretários da administração pública tanto do Estado quanto do município que são bons, qualificados, mas que não foram suficientes, não são suficientes e nem é a regra. Isso é muito natural num país que elegeu um cacareco lá atrás, elegeu um Tiririca, elegeu exploradores de miséria. Alguns afirmam que é uma forma de protesto, não sei se isso é protesto. Eleggem um cantor porque o cara sabe cantar, tem popularidade, ganha eleição. No processo político todos deveriam ser construtores. Você pode ser um terrível crítico sem perder a qualidade de construtor, fazendo críticas corretas, necessárias ou pode ser meramente um destruidor, um cara que só faz críticas para destruir, e, evidente, com o objetivo, muitas vezes, inconsciente.

Como o político e o homem apaixonado pela história da humanidade vê a sociedade?

No mundo de hoje, não interessa saber da causa da primeira guerra, da segunda guerra, do holocausto... A velocidade é tão grande que não paramos mais para pensar, analisar, como paramos no século passado e nos informarmos sobre o que ocorreu no século 19, sobretudo nas artes; o que ocorreu no século 18. Esse século 21 é tão diferente que não queremos saber de aprender com o passado. Vivemos um momento em que não sabemos para onde ir nem o que fazer. O que está acontecendo na cabeça sobretudo da juventude é a falta de guia, pois não existe guia. No século passado tínhamos a esquerda e a direita, tínhamos caminhos para seguir. Isso acabou. Por exemplo, a questão ambiental é tão forte hoje que derrubou fronteiras, alterou a geografia política. Há uma outra noção de desenvolvimento a partir da questão ambiental e a gente não sabe como se comportar, não tem o caminho. Não se pára para pensar. O armazém de fatos do século passado não nos interessa e nem temos tempo para analisar. O mundo enlouqueceu.

E administrar uma cidade nesse mundo enlouquecido? Estamos ao sabor dos ventos. Os pensadores estão aí e mais cedo ou mais tarde vão ter que sistematizar, delinear, dar rumos. A humanidade não pode viver sem rumos, mas agora assim estamos vivendo.

Bem, volto à questão, quanto à administração de Manaus em um mundo sem rumo? Vou lhe falar uma coisa que é relativa. Mas tenho a impressão que há uma dose profunda de verdade: a administração pública mais difícil do Brasil inteiro é a de Manaus.

Por que? O que há de diferente?

Vamos lá: não há registro de uma cidade que tenha "crescido" como Manaus "cresceu". É essa velocidade de crescimento não foi equilibrada em relação ao tecido social. O crescimento

'A cidade mais difícil de administrar é Manaus' (continuação)

foi geométrico com base na população pobre. Isso, fisicamente, provocou um outro problema que é a expansão horizontal. Essa explosão se agravou muito mais pela literal ausência de cultura urbana do componente migratório. Não recebemos em Manaus pessoas originárias de outras cidades, o grande contingente migratório vem do campo, vem de áreas rurais dos Estados do Nordeste, dos Estados do Norte e do nosso interior. Então temos uma cidade sem hábitos urbanos, o que agrava a situação, por isso, é muito difícil administrá-la. A ausência de hábitos urbanos potencializa o desacerto da vida na cidade, com ocupações equivocadas, não há noção de deveres urbanos. O pessoal acha normal construir em áreas verdes; não considera o custo de uma torneira aberta, não tem percepção do que causa na cidade os "gatos" elétricos, as moradias no fundo de vales e, depois, quer que o poder público resolva.

A política realizada ajuda a manter essa conduta, não é? Aliás, pessoas são eleitas por conta dessa conduta...

A falsa política faz isso. Tá na hora de fazer alguma coisa, de mudar. As pessoas estão com um vício de análise. Vamos pegar o transporte coletivo que é a coisa mais sagrada de uma cidade. Cuidar do transporte coletivo é um dever primeiro de um administrador do município. Nessa área tem êne variantes que independem da sua vontade e que se você deixar acontecer ficará impossível reverter. É como um câncer que avança independente da sua vontade de controlar. A gente sabe que o transporte coletivo de Manaus é o pior do Brasil. Não acredito que tenha outro lugar no País que tenha um transporte coletivo pior do que o nosso, é impos-

sível. Ninguém quer saber porque ficou assim e nem quer estudar como se conserta e o que é preciso para se consertar.

O senhor pode dizer por que ficou assim?

Claro. Sei de cor e salteado e há muito tempo que eu sei, sou prefeito pela terceira vez, conheço isso. Quando eu assumi a prefeitura (nessa terceira gestão) eu não sabia nem um terço do problema, sabia que tinha problema, mas não sabia do tamanho dele. A primeira coisa que identifiquei foi uma coisa primária que qualquer um identifica: o ônibus é uma atividade econômica como outra qualquer que tem de ser sustentável senão quebra. Entre tantos erros e omissões criminosas no transporte coletivo ao longo do tempo, um era o maior e o mais grave e, sem a remoção dele, não se poderia nem pensar em resolver, é a meia passagem. Você pega as cidades brasileiras, todas em que o transporte é bem organizado ou mal organizado, perfil parecido com o de Manaus - 500 mil meias passagens por dia. Não tem sistema no mundo que agente isso. Significava que, todos os dias, aconteciam 250 mil fraudes num sistema que é fundamental para a população. Esse abuso somado a outros quebraram as empresas. Os empresários do setor têm os macetes deles, com a defasagem financeira que estavam tendo, retiraram ônibus de circulação. Então, se tinham 50 ônibus com potencial para transportar 10 mil pessoas, eles tiravam 20 e botavam 30 em circulação e transportavam as mesmas 10 mil pessoas. Era a forma de se defenderem. Quem se arrombava era a população. Eu vi isso e meu primeiro trabalho foi enfrentar a questão da meia passagem. Outro dia, o Isaac

Tayah (presidente da Câmara Municipal de Manaus, ex-líder e atual crítico do prefeito) disse na imprensa que ajudou a aprovar coisas erradas, a "Lei do lixo" e a "Zona Azul"; O que fez o PCdoB, PT, etc? "É o Amazonino metendo a mão no bolso do pai do aluno". Só Deus, só Deus sabe como approvei isso na Câmara e eu não posso dizer, tô proibido de dizer.

É mesmo? Por que? Quem o proibiu?

Não posso falar. Tem coisas que você não pode falar. Só quero dizer como é difícil resolver e como é fácil não resolver, deixar o barco correr. O Marcelo Ramos (vereador e deputado estadual eleito pelo PSB) que foi inclusive diretor (do Instituto Municipal de Transporte e Trânsito - IMTT, na gestão do prefeito Serafim Corrêa) foi quem mais me detratou e a quem mais os jornais deram tribuna. Sem resolver a questão da meia passagem não se podia pensar em resolver as outras questões. Mas, o preço que paguei para ser correto, decente, foi muito alto. Você acha que isso é política? Quem é suicida? Você aplaude o suicida? Isso aqui (acabar com as fraudes da meia passagem) é suicídio político e é espírito público. Por que se está certo e é suicídio político? Porque você tem uma imprensa, tem desinformação (que está além do suportável), e como é que se quer que se ajete uma cidade? Por isso digo: o lugar mais difícil para administrar é Manaus.

Quanto à "Lei do lixo", o senhor ...

Nós estamos há mais de 15 anos ofendendo a Constituição, com uma prática de contrato de limpeza pública, ao meu ver, sem cobertura legal. Cumpro meu dever e encaminho para a Câmara uma proposta de lei moderna, avançada (tanto que a legislação que o Brasil fez para os municípios é igual a que enviei para a

CMM), tão necessária que ela espelhava, vim saber disso depois, as exigências do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) quando emprestou dinheiro para as obras de revitalização dos igarapés da cidade. Outro desgaste. Um ex-prefeito omisso e mais os detratores se deram bem e eu me dei mal. Quanto ao trânsito, você tem uma cidade onde o trânsito de hoje já é substancialmente diferente de dois anos atrás. Em todas as cidades do mundo, quando um prefeito quer organizar o trânsito, uma das primeiras coisas a fazer é pensar no estacionamento. Um dos caminhos, senão o único, é a zona azul ou algo semelhante. Isso não é inovação brasileira, é prática no mundo. Então, mandei para a CMM o projeto, ficou dormindo por lá e, para sair, meu Deus do céu. O novo presidente (Isaac Tayah) se elegeu dizendo que se sacrificava muito pelo Amazonino. Ora, o sacrifício dele não era pela cidade, era pelo Amazonino. Disse que aprovou projetos indefensáveis. Meu projeto? Não, era projeto da cidade da qual ele é vereador. Estamos com foco de análises absolutamente equivocados. Veja: o vereador diz publicamente "olha, eu me sacrifiquei pelo Amazonino, eu não me sacrifiquei pela cidade, para melhorar a cidade, e sim pelo Amazonino", como se isso fosse coisa minha, não é. E ninguém diz nada. Onde está o meu desentendimento com os políticos? Por que dizem que tenho desentendimentos com jornalistas? Todo mundo sabe que sou um cara generoso, solidário, um cara parceiro, de palavra. Eu não engano. Mas, tenho aqui e acolá um desafio. Não posso está certo sozinho e todo mundo errado. Mas não posso estar errado o tempo todo. Tenho uma marca, não sou amorfo, não sou líquido, tenho forma e tenho espírito público.

OPINIÃO

O que pensa o prefeito Amazonino Mendes de algumas das principais lideranças políticas locais.



OMAR AZIZ
(PMN),
GOVERNADOR
DO
AMAZONAS



EDUARDO BRAGA
EX-GOVERNADOR (PMDB),
SENADOR
ELEITO

"Está maduro. Tem experiência, foi vice-prefeito, vice-governador. Ele é um rapaz inteligente, tem tudo para fazer uma boa administração. Só vai errar se quiser".

"Eu tenho muita divergência política, não pessoal, com ele. Do ponto de vista político tenho outra forma de ver e de fazer. Do modo de agir politicamente, o meu jeito é muito diferente do jeito dele."



ISAAC TAYAH,
VEREADOR
(PTB),
PRESIDENTE
DA CÂMARA



VANESSA GRAZIOTIN
DEPUTADA
FEDERAL
(PCDOB),
SENADORA

"Vejo como algo normal o fato de ele me substituir na prefeitura. Trato disso de forma mais natural possível. É relação institucional. Cada qual é responsável pelos seus atos. Quanto à escolha dele como líder, não errei nem aceitei. Não me arrependo de nada até porque a liderança na Câmara era meramente formal, não de fato, é bom que se diga isso".

"Estou rezando para ela acertar. Tem muita vida na política, já tem maturidade. Seria muito bom que ela acertasse".



ARTHUR VIRGÍLIO NETO
SENADOR
(PSDB),
EX-PREFEITO



ALFREDO NASCIMENTO
SENADOR
(PR), MIN. DOS
TRANSPORTES

"Minha relação com ele é normal. Não tenho nada nem contra nem a favor."

"Nós não temos identidade política. Mas não tenho nada contra ele. É evidente que identidade política nós não temos, ao longo do tempo foi assim, ele para um lado, eu para outro. Pessoalmente, não tenho nada contra ele. Já houve época em que brigamos muito."

Ajustes no polo

DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Desde o dia 1º de janeiro, as empresas do polo de duas rodas da Zona Franca de Manaus estão administrando uma carga tributária ligeiramente maior. Ajustes previstos na lei 2826/2003 - a lei estadual de incentivos fiscais - reduziram o nível de incentivo de ICMS para o segmento. O impacto varia de acordo com o enquadramento de cada empresa, mas, no geral, gira em torno de 3% do nível de incentivo. Com isso, as fábricas do ramo passam a ser tributadas no mesmo patamar que as dos demais polos.

A mudança já era prevista e deveria ter sido implementada no ano passado. Só não foi porque a indústria ainda se ressentia dos efeitos da crise econômica do ano anterior. Mas, neste ano, não teve escapatória. Nem por isso, as fábricas aceitaram a mudança numa boa. Após muita negociação com o Governo, as empresas conseguiram a prorrogação de alguns benefícios, como a isenção de ICMS sobre o consumo de energia elétrica, e a redução da base de cálculo do imposto na importação de insumos.

Vale ressaltar que, mesmo com o auxílio governamental na conta de energia e a desoneração nas compras externas, a carga de tributação total sobre o setor de duas rodas ainda é maior do que aquela que o setor experimentou até 2010.

Para o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas de Manaus (Sinmen), que engloba as fábricas de motocicletas, Athaydes Mariano Félix, a mudança é perfeitamente administrável. "Estamos colocando na negociação de custos. Não chega a afetar de forma significativa", comentou.

ISENÇÃO NECESSÁRIA

O executivo salientou que a compensação na forma de isenção do ICMS da energia elétrica, assim como as demais medidas do decreto 30.923/11, é necessária para manter o equilíbrio nas operações do setor, enquanto se recupera dos efeitos da crise. "Estamos otimistas. Esperamos um aumento na produção e nas vendas de pelo menos 3% nesse início de ano, até março, quanto, historicamente, as vendas sofrem queda", explicou.

Entretanto, nos bastidores, ainda há empresas insatisfeitas com as mudanças e que pressionam por maiores compensações, o que dificilmente será considerado pelo Governo, uma vez que não há amparo legal para tanto.

Ajustes no polo (continuação)

Compensações para duas rodas

❖ Base de cálculo do ICMS foi reduzida em 60% na importação de insumos para fabricação de motocicletas;

❖ O consumo de energia elétrica na produção dos veículos ficou isenta do pagamento de ICMS;

❖ Os fabricantes não precisam estornar certos créditos fiscais presumidos referentes à aquisição de insumos para produção de veículos que venham a ser objeto de operações destinadas ao exterior;

❖ O decreto 30.923 foi publicado na edição do Diário Oficial do dia 12 de janeiro, mas os benefícios são retroativos ao dia 1º de janeiro, quando passou a valer o ajuste de nível de incentivos;

❖ O prazo para adesão aos benefícios previstos no decreto termina no dia 1º de fevereiro. Empresas que solicitarem adesão fora do prazo terão o pedido encaminhado ao Codam.

Mudanças previstas na lei de incentivos

O secretário executivo de receita, da Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz), Thomaz Nogueira, explica que a situação do polo de duas rodas é um pouco diferente da de outros setores. A lei de incentivos 2826/2003 trouxe carga tributária maior que a legislação anterior para todos os setores. Ao fabricar novos produtos, as empresas tiveram a opção de submeter a produção ao regime tributário da nova lei e, assim, usufruir dos incentivos até 2023, já que a antiga legislação teria sua vigência encerrada em 2013.

Isso pôde ser aplicado a contento em setores como eletroeletrônicos, por exemplo, onde surgem novos produtos constantemente. No caso de duas rodas, no entanto, isso não acontece. As fábricas de motos vão continuar fabricando um leque limitado de produtos (motos, motonetas, quadriciclos, etc.). Por is-

so, foi aplicado a este setor um mecanismo de ajuste que reduziria gradualmente o nível de incentivo de ICMS, com adoção de compensações, se necessário. Foi o que ocorreu no dia 1º de janeiro.

Para garantir o equilíbrio financeiro das empresas, a lei 2826/2003, em seu artigo 6º, prevê mecanismos como a redução da base de cálculo para ICMS das importações e isenção do imposto sobre o consumo de energia.

Esse insumo é um dos que mais pesam no custo de produção das empresas. Athaydes Mariano, do Sinmen, avalia que, em Manaus, a indústria paga a energia mais cara do País. "O contrato de demanda que as empresas são obrigadas a fazer com a Amazonas Energia estabelece R\$ 0,46 por quilowatt-hora. Está entre os mais caros do País. Em São Paulo e Rio de Janeiro, o custo é sensivelmente mais barato", pondera.

Manaus, domingo, 23 de janeiro de 2011.

Como aumentar as exportações?

Aumentar as exportações será, sem dúvida, um dos maiores desafios do novo governo. Não podemos nos acomodar com exportações de insumos primários, temos que exportar produtos manufaturados, com valor agregado, ou seja, que gerem mão de obra no Brasil. Porém, temos dificuldades em atender o mercado interno, hoje infestado de produtos importados.

As exportações não estão tendo desempenho fraco somente por conta do dólar baixo. Há problemas sérios que precisam ser resolvidos e que dificultam a vida da indústria no próprio mercado interno. O custo Brasil, a infraestrutura logística e

impostos elevados contribuem para o aumento do déficit do comércio exterior.

Existem projeções bastante negativas para 2011 com relação a transações correntes que vão de US\$ 64 bilhões (Banco Central) a US\$80 bilhões do setor privado, que representa 3.8% do PIB.

Algumas medidas tomadas pelo governo como: dar celeridade a devoluções de crédito tributário, algumas vantagens fiscais a pequenos e médios produtores e uma agência de financiamento as exportações junto ao BNDES são iniciativas muito pequenas frente aos enormes obstáculos enfrentados pelas empresas no

País.

Precisamos de reforma tributária e de investimentos em inovação industrial. Essas deficiências somadas à questão cambial dificultam a competitividade dos produtos brasileiros no comércio exterior.

As contas, por enquanto, ainda são controladas pelas exportações de bens primários, mas o Brasil precisa expandir as exportações de bens industrializados, manufaturados em território nacional, com mão de obra e valor agregados gerados aqui ou assistiremos ao aumento do desequilíbrio das contas que já estão em níveis preocupantes.

Wilson Périco

e-mail:
sinaees@
sinaees.com.br



Mas, como exportar se está difícil manter o atendimento do mercado interno? Para comprovar a dificuldade, em 2010, o crescimento das importações foi de 30% enquanto o das exportações foi de apenas 10%, em quase sua totalidade de insumos primários (ferro e aço bruto, soja e frango estão no topo das exportações). Estamos indo no caminho inverso, da desindustrialização. Algumas empresas fabricantes de fogão e máquinas de lavar no Brasil hoje importam os produtos da China, o mesmo acontece com empresas do setor de autopeças que encerraram atividades no País, mas continuam atendendo o

mercado brasileiro por meio de suas unidades instaladas na China.

A indústria calçadista e a têxtil estão desaparecendo do País e o mesmo pode ocorrer com alguns segmentos do PIM, caso das fabricantes de bens intermediários e componentes.

O governo federal precisa fazer a lição de casa, reduzir a carga tributária, investir na infraestrutura, para viabilizar o crescimento que vem anunciando e assegurar os investimentos industriais feitos no País e, principalmente, os respectivos empregos gerados.

X

Grupo LIDE fará de Manaus referência ambiental no planeta

Evento contará com participação de Bill Clinton, Arnold Schwarzenegger e Richard Branson, do grupo Virgin

CINTHIA GUIMARÃES
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Tornar Manaus referência mundial na discussão sobre sustentabilidade, como acontece com o fórum econômico de Davos, na Suíça. Essa é a ideia do II Fórum Mundial de Sustentabilidade, que ocorre nos dias 24, 25 e 26 de março, no Tropical Hotel. O evento contará com a participação de grandes personalidades, como o ex-presidente norte-americano Bill Clinton; o ex-governador da Califórnia, e ator, Arnold Schwarzenegger; e o fundador do Grupo Virgin, o britânico Richard Branson.

Este ano o tema central do evento será a Sustentabilidade Econômica, Ambiental e Social da Amazônia e do Planeta.

Na última edição, o fórum trouxe as presenças do ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, do cineasta James Cameron e do ecólogo Thomas Lovejoy.

O presidente da Maior Entretenimento, Sergio Waib, um dos organizadores do evento, explica que a intenção é preservar Manaus como sede do fórum por ter a maior floresta tropical do mundo e por ser conhecida



Bill Clinton, ex-presidente dos EUA



Schwarzenegger, ex-governador



Richard Branson, mega-empresário

mundialmente. "Queremos trazer os olhos do mundo para a floresta, expor seu valor econômico e ambiental ao planeta".

O evento é organizado pela Seminars, de Nizan Guanaes e João Doria, e o grupo LIDE.

"O 2º Fórum Mundial de Sustentabilidade é uma oportunidade de inserir a consciência ambiental no meio empresarial", afirmou João Doria Jr, presidente do LIDE.

Foram convidados para os

debates os especialistas Paul Hawken, ambientalista; Adam Werbach, ativista ambiental; e Dan Epstein, chefe de Desenvolvimento Sustentável e de Regeneração das Olimpíadas de Londres 2012, respectivamente.

POLÍTICA SUSTENTÁVEL

O fórum se tornou um espaço da iniciativa privada para debater o assunto e buscar alternativas de dosar o desenvolvimento econômico com o equilíbrio na-

tural do planeta, segundo Sérgio Waib. "O tema sustentabilidade funciona como um selo positivo para as empresas", disse.

O evento vai contar com 700 convidados, entre eles, empresários, executivos, presidentes de entidades filantrópicas, ONGs, especialista em meio ambiente, ativistas ambientais, cientistas e universitários.

Os interessados podem comprar convite diretamente no site www.seminars.com.br.

Três perguntas para

Sérgio Waib

- PRESIDENTE DA MAIOR
- ENTRETENIMENTO

1 Qual o objetivo geral do evento?

Promover e disseminar as práticas legais de sustentabilidade para o bem da economia e da sociedade.

2 Quais as diferenças entre o Fórum Mundial de Sustentabilidade de 2010 para o de 2011?

A roupagem mundial, agregando mais valor pelos seus palestrantes, discutindo parcerias com o setor privado e público e pela força de difusão através da mídia.

3 Por que as empresas estão preocupadas com o tema?

Por causa da interferência negativa social, ambiental e econômica. O aumento da população global e do consumo vem promovendo uma sérias consequências ao meio ambiente, seja nos agronegócios ou nas indústrias.

Palestras abordarão grandes temas

Este ano, o Fórum Mundial de Sustentabilidade apresentará temas como "Grandes Eventos e Cidades Sustentáveis". O ex-governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, nomeado como uma das 100 pessoas que ajudaram a moldar o mundo pela revista Time, discutirá "Políticas públicas a favor da sustentabilidade".

O mega empresário britânico, Richard Branson, foi convidado para falar de "Práticas bem sucedidas de sustentabilidade da indústria privada". Fundador do Grupo Virgin, ele é dono de mais de 300 empresas em segmentos diversos como transporte, telecomunicações, turismo e biocombustível. Atualmente, Branson também dedica-se a procurar meios para diminuir o aquecimento global e é membro ativo do Fórum Humanitário Global. "Mobilizando parcerias-público privadas para promover desenvolvimento sustentável" será o tema da mesa do ex-presidente americano Bill Clinton.

Os workshops tratarão de assuntos como Mecanismos de mercado para a produção e preservação da água, Gestão de ciclo de vida de produtos, Preservação das florestas e Descarbonização da economia.

APLAUSOS

Para a bancada amazonense na Câmara dos Deputados, que já articula uma reação contra a medida provisória que, no final do mandato, Lula assinou, favorecendo a indústria de informática do Sudeste e que está sendo considerada um "golpe mortal" contra o mesmo setor instalado no Polo Industrial de Manaus. Lula deu o "troco" por ter vencido as eleições no Amazonas.

Brincadeira tem hora

Para remover dúvidas, explicitar propósitos e descrever compromissos e responsabilidades, o governador Omar Aziz instruiu a área jurídica do Estado para anular na justiça o processo administrativo de tombamento do Encontro das Águas. Na prática isso traduz um chega pra lá no ambientalismo mal intencionado que está brincando com coisa séria, a serviço sabe-se lá de quem. O procurador-geral, Frânio Lima, responsável pela desmontagem do aparato circense, um técnico de primeira grandeza, foi enfático: "O Estado não é contra o

tombamento". Aliás, ninguém de bom-senso, no exercício de discernimento, o é. O que está em jogo e precisa ser desconstruído e desmascarado, é o processo nebuloso, propositalmente atabalhoado, que distorceu medidas, corrompeu estudos, escamoteou intenções e, principalmente, desrespeitou o interesse maior da coletividade.

A decisão do tombamento, assumida pelos conselheiros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, se deu em cima de um parecer impreciso e encomendado, que desconsiderou estudos e

ponderações da superintendência local daquele órgão. Desde 2009, a direção do Iphan regional apresenta três cenários de tombamento, expressos em poligonais que restringem ou acolhem atividades econômicas na área próxima ao fenômeno, propiciando medidas de compensação para os empreendimentos existentes ou em implantação. Afinal, ali está situado e se movimenta o cerne da atividade econômica da qual depende mais de 90% da receita pública estadual, e geração de emprego. Dali o Amazonas recolhe 54% dos recursos da ZFM para a

União, mais de R\$ 7 bilhões/ano. Pois bem. Sem a presença dos interessados, ou seja, toda a tribo, e indiferente aos alertas e implicações de seus gestos, escolhas e acordos os tais conselheiros adotaram a poligonal mais restritiva. Uma carta marcada de acordo com a encomenda obscura. Associar tombamento a engessamento é, no mínimo, sintoma de insanidade e/ou má-fé.

Algumas perguntas precisariam ser respondidas pelos autores da bravata pseudo-paisagística e ambiental. Por que os conselheiros alteraram a poligonal original, encaminhada

pelo Iphan regional, originada de estudos técnicos rigorosos e ponderações em torno dos interesses do Estado? Por que o Estado, a Suframa, as entidades de classe de empreendedores e trabalhadores não foram consultados? Com que autoridade, tão nobres senhores, numa sala confortável do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, absolutamente ausentes dos percalços, demandas e necessidades cotidianas do Estado, se erigem juízes absolutistas de uma decisão tão delicada e abrangente na rotina social e econômica dos que aqui vivem? E mais in-

quietante: decidem o prazo de 15 dias para manifestação de eventuais interessados em propor qualquer tipo de questionamento. Tenha santa paciência! Tombamento, aqui entendido como manejo equilibrado e responsável, sustentável e proativo, do espaço urbano e do patrimônio natural, é coisa muito séria, desejo de todos, pauta e desafio de ações consistentes e pra valer. Brincadeira, mesmo de mau gosto, tem hora e não é agora. Enfim, o Estado se posicionou e tem credencial popular para sacudir, de vez, esse jogo de insensatez.

Vita Derm investe em unidade de Manaquiri

ALYNE ARAÚJO

Equipe do EM TEMPO
alynearaujo@emtempo.com.br

Para incrementar e fortalecer ainda mais a indústria local e incentivar a expansão do polo de cosméticos na região, a Vita Derm pretende instalar até o fim de março uma unidade no município de Manaquiri (a 80 quilômetros de Manaus). A escolha do interior se deve ao fato de que a cidade possui equipamentos e também produz cosméticos fabricados com a matéria-prima natural.

Inicialmente, a fábrica, que contou com investimentos de aproximadamente R\$ 1 milhão, deve produzir sabonete e loção cremosa corporal e, posteriormente, a linha deve passar por ampliação para ficar mais completa. A capacidade de produção da empresa deve ser de dez mil unidades por mês e deve aumentar após os três primeiros meses. A mão de obra contratada passará por qualificação. Para o quadro funcional, deverão ser admitidos farmacêuticos, técnicos, operadores, entre outros profissionais de diversas áreas.

De acordo com o proprietário da empresa, Marcelo Schulman, os produtos são destina-

dos aos mais diversos públicos. "Não temos apenas um público alvo. Queremos alcançar de supermercados, farmácias, profissionais do segmento e até mesmo o consumidor final", afirmou.

Ainda segundo o executivo, as mercadorias produzidas na fábrica devem adquirir grande importância no mercado nacional por serem feitas com materiais da floresta. "Tudo vai ser de fabricação natural e isso não deixa de ser um atrativo a mais para esses produtos", comentou.

Por ser um atrativo, Schulman também disse acreditar que os produtos podem alcançar também o mercado internacional. Segundo o empresário, o objetivo é sempre expandir para que tanto a fábrica quanto os produtos possam se tornar mais reconhecidos frente a concorrência.

Para divulgar ainda mais os produtos, o executivo informou que serão feitas campanhas de mídia entre os ribeirinhos e também entre as cooperativas locais. "Dessa maneira, estaremos dando ainda mais incentivos para que o produto chegue ao mercado do jeito mais rápido possível. Assim, conseguiremos atingir todas as nossas metas, tanto de retorno

financeiro quanto de geração de empregos", destacou.

Além disso, conforme Schulman, também será possível dar ainda mais visibilidade ao Estado. "O Amazonas já é forte em decorrência da presença das fábricas do Polo Industrial de Manaus (PIM). Com

essa nova empresa, tem tudo para se estabelecer ainda mais perante aos demais Estados brasileiros", enfatizou.

Município mais forte

Para o prefeito de Manaquiri, Jair Souto, a instalação de uma unidade da Vita Derm

na cidade é importante em vários aspectos. "Isso tudo tem grandes chances de colocar o município e a população mais perto do desenvolvimento econômico e também social. É um pensamento novo para novas perspectivas, como a geração de emprego e renda",

observou. Ainda na avaliação do prefeito, outros municípios também devem ser beneficiados. "Haverá o envolvimento de pessoas das outras cidades, à medida em que a fábrica for expandindo. Ou seja, será um grande avanço para o Estado como um todo", acrescentou.

Setor primário em foco

VALÉRIA COSTA
Equipe do EM TEMPO
valeriacosta@emtempo.com.br

O setor primário, com ênfase na geração de renda e ocupação no interior, é a prioridade dos investimentos da Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam) em 2011, segundo o presidente da entidade, Pedro Falabella. A estimativa é que haja um crescimento de 13,3% na liberação de recursos este ano em relação a 2010.

No ano passado, a Agência investiu o montante de R\$ 154,4 milhões e, em 2009 foram R\$ 108,3 milhões. Para 2011, estão previstos R\$ 175 milhões, que podem aumentar com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) conforme a demanda, adiantou Falabella. Mais da metade desses recursos deve ser direcionado para o interior, em arranjos produtivos, "com começo, meio e fim": "Vamos plantar, colher, escoar e comercializar para que o negócio siga adiante", frisou o dirigente.

Nesse contexto, projetos extrativistas e agrícolas terão destaque, como a borracha, a castanha, açaí, abacaxi, guaraná, cacau, mandioca, piscicultura, a juta e malva, além da pecuária. O presidente afirmou que está programada uma discussão com órgãos ambientais do Estado para o retorno à prática da pecuária na região, mas de forma sustentável, recuperando áreas degradadas.

A proposta da agência, seguindo a orientação do governador Omar Aziz, é um "retorno às atividades antigas" no Amazonas, priorizar o homem, conforme Falabella. Para isso, várias ações já são tomadas, como financiamentos específicos no segmento da borracha, juta e malva.

O presidente da Afeam afirmou que a entidade está financiando seringueiros e associações de seringueiros no interior do Estado, para comprar e receber a produção da borracha, além de duas fábricas que vão transformar o produto, que será fornecido à empresa de pneus Levorin.

Mas, o primeiro passo nesse sentido foi o financiamento, ao estilo de uma parceria pública-privada entre a agência e o grupo empresarial liderado por Mário Guerreiro, na construção de uma empresa para o beneficiamento da juta e malva. De acordo com Falabella, a fábrica deve ser inaugurada dentro de 60 dias e está localizada em duas áreas: a primeira no Distrito Industrial e a outra no município de Manacapuru.

Incentivo à produção

"Naquele município, a juta será recebida, classificada, penteada, arrumada e enviada à industrialização na fábrica em Manaus", explicou o dirigente. Para o projeto vingar, a Afeam - que detém 45% da parceria - financiou 850 produtores de malva e juta nos municípios de Anamá, Beruri, Caapiranga, além de Manacapuru, o principal polo produtor.

"Financiamos ainda duas cooperativas de Manacapuru para a distribuição de sementes e aquisição de fibras. Montamos um arranjo bem interessante e a meta é alcançar 10 mil toneladas de fibras neste ano", informou Falabella. A empresa deverá produzir sacarias para a exportação de produtos agrícolas, como o café e batata, além de tecidos.

Pedro Falabella adiantou que após o início do funcionamento das operações da fábrica e "der resultado", a intenção da Agência é vender as suas ações, que pode ser para o mesmo grupo empresarial e, com o dinheiro arrecadado, ser investido em outra parceria ou projeto.